

issn: 2176-5960



Προμηθεύς

journal of philosophy



n. 42 maio - agosto de 2023

COMENTÁRIO AOS ARGUMENTOS DE BL. HIJMANS SOBRE O CARÁTER FILOSÓFICO DO ESTOICISMO EPICTETIANO

André Capistrano Gama Santana¹

Resumo: De acordo com BL. Hijmans, diante da pergunta sobre o caráter filosófico do pensamento de Epicteto é possível afirmar que ele não se constitui, de fato, como uma filosofia. Para Hijmans, o estoicismo epictetiano é construído a partir de um conjunto de crenças inquestionáveis que têm como base a relação de submissão a um princípio divino responsável por criar e comandar o cosmos. Por esse motivo, Hijmans afirma que faltam dois elementos ao pensamento de Epicteto para caracterizá-lo como filosofia, são eles: o sentimento de maravilhamento ou perplexidade típico de uma reflexão filosófica e a capacidade de autocrítica. Nesse sentido, nosso artigo irá propor duas objeções aos argumentos de Hijmans com o intuito de demonstrar que o estoicismo de Epicteto detém as características necessárias para ser considerado, de fato, filosofia.

Palavras-chave: Epicteto, filosofia, estoicismo, teologia estoica

Abstract: According to BL. Hijmans, in face of the question about the philosophical character of Epictetus' thought it is possible to state that it doesn't constitute, in fact, a philosophy. For Hijmans, Epictetian stoicism is built from an unquestionable set of beliefs that are based on a relationship of submission to a divine principle that is responsible for creating and commanding the cosmos. For that reason, Hijmans affirms that two things are missing in Epictetus' thought to characterize it as philosophy, namely: the sense of perplexity or wonder typical of a philosophical reflection and the self-criticism. In this sense, our article will propose two objections to Hijmans' arguments in order to demonstrate that Epictetus' stoicism has the necessary characteristics to be considered, in fact, philosophy.

Keywords: Epictetus, philosophy, stoicism, stoic theology

¹ Mestre em Metafísica pelo Programa de Pós-Graduação em Metafísica da UnB.

1- Introdução

BL. Hijmans, filósofo holandês, deixou como um de seus legados uma extraordinária contribuição para aqueles que se dedicam a investigar a filosofia estoica e, em especial, a perspectiva epictetiana do estoicismo. Em seu trabalho de título *Askesis, Notes on Epictetus' Educational System* (1959), Hijmans esforça-se para analisar os aspectos teóricos e práticos da filosofia de Epicteto, além de propor uma reflexão sobre como essas duas dimensões do estoicismo epictetiano despontam para uma proposta educativa tendo em vista a vida filosófica. No desenvolvimento de sua obra, chama-nos atenção o tópico em que o holandês dá o título de “*O Objetivo da Vida*”², ocasião em que Hijmans discute alguns dos fundamentos do estoicismo epictetiano e levanta uma importante pergunta: seria Epicteto realmente um filósofo?

A razão para esse questionamento justifica-se, afirma Hijmans, a partir análise de dois pontos: 1 – a ausência, no estoicismo epictetiano, da perplexidade ou maravilhamento, considerados estados precursores da atividade filosófica e 2 – a maneira como Epicteto estrutura a sua filosofia, partindo da admissão da existência de um princípio divino, e da necessidade de submissão a esse princípio, pauta a sua versão do estoicismo na adesão dogmática a um conjunto de crenças que a afasta, como defende Hijmans, de um dos traços mais distintivos da filosofia, a sua capacidade de autocrítica.

Nesse artigo apresentaremos uma objeção para cada um dos pontos elencados por Hijmans com a finalidade de tentarmos demonstrar que o estoicismo epictetiano possui as características necessárias para ser designado como filosofia e que a sua dimensão religiosa é um elemento essencial para o pensamento de Epicteto.

Por fim, é pertinente esclarecer ao nosso leitor que não iremos nos concentrar na análise dos argumentos utilizados por Hijmans para responder essa questão, ao invés disso, nos propomos a considerar o questionamento levantado pelo filósofo holandês como o ponto de partida para explorarmos outras possibilidades de resposta a essa pergunta a partir da investigação da filosofia de epictetiana.

2 – Objeção à primeira crítica de Hijmans

² *The aim of life*

De acordo com Hijmans (1959, p. 16-17), o estoicismo epictetiano demonstra estar comprometido dogmaticamente com um conjunto de crenças específicas e que a obra do filósofo grego se limitaria a comunicá-las, com admirável habilidade, sem, no entanto, propor uma discussão inovadora em relação a tradição estoica. Contudo, Hijmans destaca um aspecto ainda mais importante na obra de Epicteto, a ausência do sentimento de perplexidade ou maravilhamento diante do pensamento que, para o holandês, exerce um papel precursor para o surgimento de uma reflexão verdadeiramente filosófica.

A crítica de Hijmans, como veremos, encontra sustentação na filosofia platônica. No diálogo *Teeteto* (*Tht*), Platão apresenta ao seu leitor uma elaborada discussão sobre a verdadeira natureza do conhecimento. Nessa ocasião, podemos acompanhar Sócrates inquirir o seu interlocutor, Teeteto, sobre a definição de sua concepção de conhecimento. A primeira resposta de Teeteto a essa pergunta foi a seguinte: “[...] o que sabe algo apercebe aquilo que sabe e, tal como agora parece, saber não é outra coisa que não percepção” (*Tht*.151e).

Sócrates não se satisfaz com a resposta de Teeteto, cuja explicação resume a ideia de conhecimento apenas ao que é percebido pelo sujeito, e, para estruturar o seu contra-argumento, ele resgata a tradição filosófica e poética grega apresentando em sua tese a oposição entre o pensamento de Parmênides aos de Heráclito, Protágoras, Empédocles, Homero e Epicarmo. O trajeto do argumento socrático desemboca, nesse primeiro momento, na defesa de uma teoria fluxista em que o mundo fenomênico é regido por um fluxo inexorável no qual nada é, nem pode ser, percipiente ou percebido. (Nogueira e Bueri, 2015, p. 27-28).

A trilha argumentativa proposta por Sócrates conduz Teeteto (*Tht*. 155c) a um estado de perplexidade, representado pelo verbo θαυμάζω³, e é nesse momento que Sócrates afirma, em *Tht*. 155d, que essa perplexidade e maravilhamento diante da contemplação de um pensamento é, precisamente, o momento precursor da reflexão filosófica.

S. - De facto, sou depois aquilo que não era antes, não me tendo tornado; pois, sem vir a ser, é impossível que tenha sido, e, sem ter perdido tamanho, não poderia tornar-me mais pequeno. Também

³ Perplexidade, maravilhamento, admiração e espanto são alguns dos significados possíveis de serem assumidos pela palavra θαυμάζω.

milhares de milhares de outros casos são assim, se admitirmos estas coisas. De facto, suponho que me segues, Teeteto. Pelo menos pareces-me não estar atrapalhado com isto.

TEET. Pelos deuses, Sócrates, como me espanto muitíssimo com o facto de ser assim e, por vezes, quando verdadeiramente olho para isso, fico tonto.

S. - Efectivamente, meu amigo, Teodoro parece não ter adivinhado mal a tua natureza. Pois o que estás a passar, o maravilhares-te, é mais de um filósofo. De facto, não há outro princípio da filosofia que não este, e parece que aquele que disse que Íris é filha de Taumanto não fez mal a genealogia. (*Tht.* 155c-d)

Se buscarmos o termo θαυμάζω, e suas variações, nas *Diatribes* iremos notar trinta e cinco ocorrências dessa palavra no texto de Epicteto, mas em nenhuma dessas aparições somos remetidos à ideia de perplexidade, maravilhamento ou admiração como podemos observar no contexto do diálogo platônico. Sobre esse ponto, devemos concordar com Hijmans quando ele estabelece a distinção entre as filosofias platônica e epictetiana no que diz respeito à noção de θαυμάζω como o motor que move o pensamento filosófico.

Contudo, como o próprio Hijmans aponta, a abordagem platônica sobre a questão da perplexidade ou maravilhamento pode ser contestada como o único critério a ser utilizado para a definição daquilo que compreendemos como filosofia. Assim, o holandês propõe ao seu leitor a opção de delimitar o conceito de filosofia a partir da avaliação do objeto sob o qual ela atua e, nesse caso, a filosofia tem a si mesma como objeto de atuação, sendo essa atividade exercida por meio da razão. (Hijmans, 1959, p.17)

Se aceitarmos essa objeção em relação à posição platônica apresentada no *Teeteto*, podemos defender que o pensamento epictetiano constitui-se, de fato, uma empreitada filosófica. A justificativa para essa conclusão pode ser encontrada já em *Diss.* 1.1, quando Epicteto nos diz que a única faculdade que pode se ocupar de si mesma e das demais é a própria razão, pois nenhuma outra é capaz de tomar a ela mesma como objeto de contemplação. Nas palavras de Epicteto:

(5) E que outra capacidade nos diz que o ouro é belo? Ele mesmo não nos diz. É evidente que a capacidade racional é a que faz uso das representações. Que outra capacidade julga a música, (6) a gramática e

as outras artes, avaliando o uso delas e indicando o momento propício para o seu uso? Nenhuma outra. (*Diss.* 1.5-6)

A razão é, para Epicteto, a faculdade que torna possível aos seres humanos fazer o uso correto das representações e, por isso, ela opera sobre todo o campo da experiência humana. É também por meio da razão, e de sua capacidade de autorreflexão, que podemos desempenhar a atividade filosófica. Diante disso, fazer filosofia, de acordo com o estoicismo epictetiano, está relacionado não com um estado de perplexidade ou maravilhamento diante de um movimento do nosso pensamento, mas sim no uso correto de nossa razão buscando alinhar nossas vidas de maneira que ele esteja de acordo com a natureza, que é, para Epicteto, e para os demais estoicos, dotada de um caráter divino.

O elo entre a função da filosofia e a sua dimensão divina é um dos temas de maior relevância na obra de Epicteto. Se avançarmos na leitura de sua primeira diatribe, podemos observar o filósofo grego afirmar que a faculdade da razão foi dada a nós pelo próprio Zeus. Esse dom divino é o que nos torna capazes de distinguir entre aquilo que está ou não ao nosso encargo para que possamos exercer a nossa capacidade de escolha de maneira virtuosa no que diz respeito aos nossos desejos e aversões, aos nossos impulsos e aos nossos assentimentos às representações e, dessa forma, progredir diariamente na busca por uma vida serena, livre e feliz, pois essa é a vontade de Deus e, portanto, é também o objetivo da filosofia para Epicteto. Nas palavras do nosso filósofo:

(7) Desse modo, como era devido, os Deuses puseram sob nosso encargo apenas a melhor de todas as capacidades e a que comanda: aquela que usa corretamente as representações. As demais não estão sob nosso encargo. Então isso é assim porque os Deuses não quiseram colocar as demais também sob nosso encargo? (8) Parece-me que, se pudessem, confiariam a nós as demais, mas absolutamente não o puderam. (9) Pois, estando nós sobre a terra e tendo sido unidos a tais corpos e a tais companheiros, como seria possível, em relação a esses, não sermos entravados pelas coisas externas? E o que diz Zeus?

(10) Epicteto, se fosse possível, faria o teu diminuto corpo e as tuas diminutas posses livres e desembaraçadas. (11) Assim, não te esqueças: este corpo, argila finamente trabalhada, não é teu. (12) Mas já que não te pude dar isso, dei-te uma parte nossa: a capacidade para o impulso e o refreamento, para o desejo e a repulsa – em suma: aquela que faz uso das representações. Se cuidares dela e nela colocares as tuas coisas, jamais sofrerás entraves, jamais serás impedimento para ti mesmo, não te queixarás, não censurarás ninguém, não adularás ninguém. (*Diss.* 1.7-12)

3 – Física estoica, algumas considerações

Hijmans (1959, p. 20-21) argumenta que o estoicismo epictetiano tem como base um conjunto de crenças inquestionáveis que se baseiam na submissão incondicional do filósofo estoico à vontade do *Logos* divino. Devemos reconhecer, como Hijmans aponta, que o estoicismo, e em especial a sua versão epictetiana, realmente apresenta uma relação acentuada com uma dimensão divina, contudo, iremos discordar de sua conclusão quando ele defende que essa relação prejudica o aspecto filosófico do pensamento de Epicteto. Para fundamentarmos a nossa crítica a Hijmans iremos analisar, ainda que somente alguns de seus elementos, o papel desempenhado pela doutrina física no estoicismo e como ela influencia a posição teológica de Epicteto.

Em Diógenes Laércio (D.L. 7.39) somos apresentados à divisão tripartite da filosofia estoica, sendo ela composta pelos seguintes tópicos: física, ética e lógica. É pertinente destacar que essa divisão era utilizada apenas para fins didáticos, uma vez que os três tópicos formam os pilares indissociáveis de toda a filosofia estoica. Essa leitura se confirma em D.L. 7.40, ocasião em que Diógenes relata uma série de analogias para ilustrar a relação, e intercessão, entre os três tópicos do estoicismo. Entre esses exemplos podemos citar aquele que descreve a filosofia estoica como um ser vivo, em que os ossos e os nervos corresponderiam à lógica, a carne seria a ética e a alma diria respeito à física. Outra analogia é feita com o ovo em que a casca se relaciona com a lógica enquanto a clara e a gema se referem à ética e a física, respectivamente. Essas representações dos três tópicos do estoicismo tinham como intuito reforçar a ideia de que nenhuma de suas partes está separada das outras, isto é, a filosofia estoica constitui-se a partir da influência conjunta e harmônica entre as suas doutrinas física, ética e lógica. Uma vez destacado o papel da física como um dos tripés da filosofia estoica, vamos tentar explorar algumas de suas características para tentarmos compreender como ela permeia o pensamento de Epicteto.

Sobre esse tema, Sellars (2010, p.81) afirma que o estudo da física estoica abarca uma vasta gama de assuntos que vão desde a fundação de uma ontologia específica até a temas relacionados a ciências empíricas como a astronomia e a meteorologia. Em Diógenes Laércio encontramos uma detalhada lista das questões tratadas por ela, como podemos observar logo abaixo:

(132) A doutrina física dos estóicos divide-se em seções acerca dos corpos, dos princípios, dos elementos, dos deuses, dos limites, do espaço e do vazio. Essa é a divisão por espécies, mas existe ainda uma por gêneros composta de três partes: uma trata do cosmos, outra dos elementos e a terceira das causas. Por sua vez a doutrina dos corpos é dividida por eles em duas partes. O âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à matemática; versam sobre as estrelas fixas e os planetas - se, por exemplo, o sol ou a lua é tão grande quanto parece -, e sobre o movimento de revolução e questões afins.

(133) Mas, o âmbito e o método de pesquisa relativos a outras questões pertencem exclusivamente à física: a indagação acerca da substância do cosmos, se este foi gerado ou não, se é animado ou inanimado, se é corruptível ou incorruptível, se é governado pela providência, e tudo mais. A doutrina referente às causas divide-se em duas partes; o âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à medicina; tratam da parte principal da alma, dos fenômenos da alma, do sêmen e similares; mas existem ainda um âmbito e um método de pesquisa comuns também à matemática: relacionam-se com a explicação de nossa capacidade visual, com a causa das imagens num espelho, com a origem das nuvens, dos trovões, do arco-íris, do halo, dos cometas e similares.

(134) De acordo com os estóicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade - a matéria o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zênon de Cítion na obra *Da Substância*, por Cleantes na obra *Dos Átomos*, por Crisipos na parte final do primeiro livro da *Física*, por Arquêdemos na obra *Dos Elementos* e por Poseidônios no segundo livro de sua *Física*. De conformidade com os estóicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada. (D.L. 7.132-134)

Dentre os vários assuntos detalhados no trecho acima, podemos destacar um dos aspectos mais fundamentais da física estoica, a noção corporealista do cosmos. Para os estoicos apenas corpos existem e só eles podem afetar e serem afetados mutuamente. Sedley (2002, p. 383) e Sellars (2010, p. 81-83) argumentam que essa teoria tem como base a discussão proposta por Platão no *Sofista*, onde encontramos um ataque ao materialismo como proposta ontológica, e se coloca como um desafio às conclusões presentes nesse diálogo platônico.

No *Sofista*, Platão faz referência a uma batalha de gigantes (*Soph.* 246a), expressão utilizada para indicar duas posições filosóficas dicotômicas de modelos

ontológicos – sendo uma inclinada para uma perspectiva materialista ao se alinhar à ideia de que o ser é corpóreo e, em oposição, outra partidária de ideia de que o ser também existe naquilo que é incorpóreo. Para lidar com essa questão, Platão propõe uma alternativa a esse dualismo conflitante atacando a perspectiva materialista, ao ressaltar a necessidade de se admitir a existência de entidades incorpóreas – como a alma e as virtudes –, e propondo a definição do ser a partir de sua capacidade de agir ou sofrer uma ação.

No estoicismo, como vemos em Sellars (2010, p. 82), os filósofos do Pórtico assumem uma posição alinhada aos defensores da tese materialista no *Sofista* ao adotarem uma concepção ontológica corporealista. Sobre esse ponto, cabe destacar que o estoicismo alarga a sua concepção sobre o que pode ser definido como um corpo para abarcar tudo aquilo que tem a capacidade de agir e ou de sofrer uma ação. Dessa forma, percebemos que a proposta dos estoicos, no que tange o estabelecimento de uma ontologia corporealista, é capaz de formular uma curiosa saída para o questionamento platônico sobre o status ontológico das entidades incorpóreas. A resposta estoica parte do princípio de que a realidade é composta tanto por entes que efetivamente têm existência quanto por elementos que são reais, mas não existem de fato.

Portanto, a formulação do conceito de existência no estoicismo pode ser resumida da seguinte maneira: tudo o que existe são corpos e só podem ser considerados corpos aquilo que tem a capacidade de agir ou sofrer uma ação de outro corpo. Dessa forma, mesmo a definição de ideias mais abstratas como as de justiça, moralidade ou virtude, por exemplo, passam a integrar a categoria de corpos no estoicismo. Nas palavras de Gazolla:

Tudo o que age e padece é corpóreo, disse o Pórtico, mas é preciso que redimensionemos nossa compreensão mais estreita de corpóreo como matéria sólida: se tudo que age e padece é corpóreo, tudo o que vem-a-ser está aí subentendido, logo, o corpóreo sendo a própria *physis* e suas manifestações, tem-se que todas as causas, por exemplo, são corpos, a virtude é corpo, os deuses são corpos, a alma é corpo, os seres que se movem e se interpenetram são corpos. Tais colocações podem espantar aqueles que se acostumaram a pensar nos corpos como matéria espaço-temporal com limites ou superfícies limitadas. (Gazolla, 2001, p. 11)

Em relação aos incorpóreos, os estoicos dizem que eles se enquadram em quatro categorias: vazio, lugar, tempo e o exprimível. De acordo com Marcia Colish (1985, p.

25-26) e Jean Brun (1986, p. 66-69), o vazio é o espaço infinito e passivo que existe fora do mundo e permite a expansão do cosmos, o lugar é definido como um espaço que delimita um intervalo de ocupação ora por um corpo ora por outro corpo, o tempo é compreendido como o intervalo do movimento e o exprimível implica a intenção mental daquilo que é expresso por meio da fala. A característica distintiva dos incorpóreos, consiste em sua incapacidade de atuar sobre os corpos, ou seja, sobre o ser e, por isso, os estoicos concluem que os incorpóreos não existem, mas apenas subsistem.

Como veremos adiante, compreender a ontologia corporealista estoica, com a sua concepção dos atributos que definem o ser, é um requisito essencial se quisermos avançar na análise da natureza do cosmos e como ela influencia o pensamento de Epicteto.

Para os estoicos o cosmos é estruturado a partir de dois princípios, um ativo e um passivo. Esses princípios, que são necessariamente corpóreos, pois só corpos existem e podem agir ou sofrer ações, também são chamados de Deus, sendo ele o princípio ativo, e matéria sem qualidade, sendo ela o princípio passivo.

A matéria sem qualidade é assim chamada porque ela não detém em si mesma nenhum atributo, isto é, ela é um insumo informe que deve ser modelado a partir da ação divina dando origem ao cosmos. Já o Deus estoico, às vezes representado pela imagem do fogo artífice – o que pode indicar uma influência heraclitiana no pensamento estoico –, ou pela ideia de *pneuma*, um sopro vital que anima tudo aquilo que está vivo, é o princípio ativo que, com perfeita racionalidade, dá a forma ao cosmos a partir de sua vontade. Essa visão do cosmos parece ter sido compartilhada entre os estoicos sem grandes desavenças doutrinárias entre os filósofos dessa escola. Nesse sentido, retomamos um trecho de Diógenes Laércio, já citado nesse texto, em que é dito o seguinte:

De acordo com os estóicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem qualidade - a matéria o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o demiurgo criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zênon de Cítion na obra *Da Substância*, por Cleantes na obra *Dos Átomos*, por Crísipos na parte final do primeiro livro da *Física*, por Arquêdemus na obra *Dos Elementos* e por Poseidônios no segundo livro de sua *Física*. (D.L. 7.134)

As características da física estoica apresentadas acima permitem aos seus filósofos conceberem a ideia de uma divindade imanente que se confunde com o próprio cosmos. Na verdade, podemos afirmar que o cosmos estoico é divino já que ele só existe a partir da conjunção inseparável entre Deus e a matéria. Diante disso, não nos parece mais estranho lidar com o vocabulário estoico quando observamos esses filósofos alternarem, por exemplo, o uso de palavras como Deus, natureza ou *Logos* para se referirem a um mesmo conceito. Essa simetria conceitual entre o aspecto divino e a natureza tem uma importância decisiva no estoicismo epictetiano e será um dos pontos de partida para a nossa resposta ao argumento de Hijmans, como veremos na próxima seção desse artigo.

4 – Objeção à segunda crítica de Hijmans

A obra do filósofo francês Pierre Hadot oferece ao seu leitor uma perspectiva singular para aqueles que se dedicam ao estudo da filosofia antiga. A particularidade do enfoque hadotiano encontra-se em sua proposta de compreensão da filosofia na Antiguidade não como uma atividade exclusivamente teórica, mas como um modo de vida.

Para Hadot (2014, p. 22) o ensino da filosofia, principalmente nos períodos helenístico e romano, não se resumia ao estudo de teorias abstratas ou à exegese de textos, mais que isso, ele objetivava um certo tipo de instrução existencial. Em outras palavras, a filosofia tinha como finalidade dotar os seus estudantes com um conjunto de recursos para que eles pudessem progredir rumo a uma vida virtuosa, livre e feliz. Nesse sentido, Hadot diz:

O ato filosófico não se situa somente na ordem do conhecimento, mas na ordem do “eu” e do ser: é um progresso que nos faz ser mais, que nos torna melhores. É uma conversão que subverte toda a vida, que muda o ser daquele que a realiza. Ela o faz passar de um estado de vida inautêntico, obscurecido pela inconsciência, corroído pela preocupação, para um estado de vida autêntico, no qual o homem atinge a consciência de si, a visão exata do mundo, a paz e a liberdade interiores. (Hadot, 2014, p. 22)

Diante disso, faz-se necessário assinalar o contraste entre o discurso e a vida propriamente filosófica. Como aponta Hadot (2014, p. 264-5), o papel exercido pelo discurso tem a função de estabelecer um núcleo de princípios e regras de modo que esses dois elementos pudessem se apresentar com uma força persuasiva suficiente para

que os estudantes de uma ou de outra escola de filosofia pudessem utilizá-los como um guia para suas vidas. Enquanto isso, a vida filosófica deve ser entendida não só como a aplicação dos aspectos teóricos normatizados pelo discurso, mais que isso, viver filosoficamente envolve, de acordo com Hadot, uma mudança existencial radical daquele que se dedica a esse objetivo. Nesse sentido, a vida filosófica não se reduz ao discurso, ao contrário, no percurso daqueles que se dedicam a viver filosoficamente o discurso é compreendido como uma de suas dimensões, uma vez que buscar uma vida comprometida com o avanço na prática filosófica vai além da aplicação de determinados elementos teóricos de uma doutrina, mas desdobra-se em um horizonte existencial que circunscreve a vida do filósofo em sua totalidade envolvendo experiências vivenciais inefáveis que, em razão disso, não podem ser capturadas pelas formulações teóricas propostas pelo discurso.

Se, como nos fala Hadot (2017, p. 251-53), existe uma evidente distinção entre a vida e o discurso filosófico, ele reconhece, entretanto, que esses dois componentes são inseparáveis para a filosofia. Para o francês, o discurso se estrutura sob três possibilidades: ele é o processo pelo qual o filósofo dialoga consigo mesmo e com o outro, ele é a via que torna possível o exercício da filosofia e, por fim, ele é, em si mesmo, a justificativa pela escolha de uma vida filosófica. Em suma, se desejamos adotar a interpretação hadotiana de que a filosofia antiga era concebida como uma proposta sobre como se deve viver, então devemos compreender que o exercício da filosofia só se faz possível a partir da articulação proporcionada pelo discurso e, ao mesmo tempo, é necessário perceber que o discurso deve ser considerado filosófico apenas se ele se materializar por meio de uma prática existencial que o justifique.

A maneira como Hadot interpreta o exercício da atividade filosófica na Antiguidade está em sintonia com o pensamento epictetiano. O filósofo grego parece enxergar a si mesmo como um terapeuta, um médico, mas não aquele que cuida das chagas do corpo e sim do espírito. Para Epicteto a sua filosofia tem o papel de fornecer os instrumentos para conduzir os seus seguidores a uma vida serena e feliz, curando inquietações e sofrimentos por meio do exercício constante em busca da virtude.

Em *Diss.* 2.9.13-14, por exemplo, encontramos uma dessas passagens em que Epicteto discute a importância de vislumbrarmos a filosofia como uma prática de vida. Nesse sentido, o filosofar deve ser compreendido como um exercício que exige um

treinamento constante a fim de que possamos assegurar que as nossas ações estejam em consonância com aquilo que enunciamos por meio do discurso. Encarar a filosofia como um treino diário, como propõe Epicteto, tem a finalidade de construir, pela constância desse comportamento, o hábito de se buscar sempre uma atitude virtuosa. Essa ideia se repete ao longo da exposição do pensamento epictetiano, como podemos acompanhar nas passagens abaixo.

[138] Pois este é o hábito que você adquiriu desde o início. 'Onde estou? Na escola. E quem são essas pessoas que estão me ouvindo? Estou falando entre filósofos. Mas agora que saí da sala de aula, para longe de toda essa conversa que só serve para pedantes e tolos!' É assim que um filósofo testemunha contra um amigo; é assim que um filósofo se torna parasita; [139] é assim que ele se vende por dinheiro; é assim que no Senado um homem não diz o que pensa, mesmo que seu julgamento esteja clamando dentro dele, [140] e não um julgamento miserável e indiferente, sustentado por raciocínios ociosos como por um fio de cabelo, mas um julgamento robusto e útil que recebeu sua iniciação ao ser testado em ação.⁴ (*Diss.* 4.1.138-140) [tradução nossa]

[11] Livros? Como ou com qual propósito? 'A leitura não ajuda a nos prepararmos para a vida?' Mas a vida é cheia de muitas outras coisas além dos livros. É como se um atleta, ao entrar no estádio, começasse a chorar por não poder mais continuar treinando fora. [12] Era para isso que você estava treinando, era para isso que serviam seus pesos de salto, e a areia também, e seus jovens parceiros de treinamento. E você está procurando por eles agora quando chegou a hora da ação?⁵ (*Diss.* 4.4.11-12) [tradução nossa]

Epicteto é irredutível quando se trata da conjunção entre a teoria e a filosofia como uma prática de vida. Sobre esse ponto, ele reconhece que não basta se considerar um seguidor da filosofia estoica e dominar os aspectos teóricos expressos pelos representantes dessa tradição, mais que isso, o estoico é aquele que não se apega aos

⁴ [138] For this is the habit that you have got into from the beginning. 'Where am I? In the school. And who are these people who are listening to me? I'm talking among philosophers. But now that I've left the schoolroom, away with all that talk which is fit only for pedants and fools!' That is how a philosopher comes to bear witness against a friend; that is how a philosopher turns parasite; [139] that is how he sells himself for money; that is how in the Senate a man doesn't say what he thinks, even though his judgement is crying aloud within him, [140] and not some wretched halfhearted judgement hanging on idle reasonings as though by a hair, but a robust and serviceable judgement that received its initiation by being tested in action.

⁵ [11] Books? How or for what purpose? 'Doesn't reading help to prepare us for life?' But life is full of many other things apart from books. It is as if an athlete, on entering the stadium, should burst into tears because he is no longer able to carry on training outside. [12] This is what you were training for, this is what your jumping-weights were for, and the sand too, and your young training partners. And are you now looking for these when the time for action has arrived?

livros, mas sim aquele que se dedica a praticar aquilo que foi aprendido por meio dos estudos teóricos.

(56) Pois os argumentozinhos não fazem falta agora – os livros dos estoicos estão cheios deles! Por conseguinte, o que falta? Aquele que faz uso deles, aquele que, pela ação, dá testemunho dos argumentos.
(57) Toma nas mãos, por mim, esse papel, para que não mais façamos uso de antigos exemplos na escola e tenhamos um exemplo de nosso tempo. (*Diss.* 1.29-56-57)

Nesse ponto, devemos nos perguntar sobre a definição dada pelo estoicismo epictetiano em relação ao que ele considera um modo de vida adequado a um filósofo. A resposta de Epicteto a essa questão revela a sua conexão com a ortodoxia da tradição estoica, pois, assim como os principais representantes do estoicismo, Epicteto entende que o modo de vida correto é aquele que está de acordo com a natureza.

Devemos, contudo, nos lembrar de que a visão epictetiana, e estoica em geral, daquilo que eles entendem como natureza não está restrita ao mundo natural, pois, como já vimos na seção anterior desse artigo, a filosofia estoica propõe, por meio de sua física, a ideia da existência de um princípio divino imanente que é responsável tanto por criar quanto por comandar todo o cosmos, em outras palavras, podemos dizer que a existência do cosmos está amparada por uma divindade que se identifica com a natureza em sua totalidade. Logo, se o próprio cosmos é divino, não devemos nos surpreender com o fato de que Epicteto compreenda a natureza a partir de uma perspectiva deificada e, por isso, utilize termos como Deus ou natureza para se referir a uma mesma ideia.

Como observamos em Long (2007, p. 143), Epicteto via a si mesmo como um intérprete dessa natureza divina e, nesse sentido, podemos afirmar que, para o estoicismo epictetiano, há uma evidente equivalência entre viver de acordo com a natureza e viver de acordo com os desígnios de Deus. Em *Diss.* 1.16, por exemplo, vemos Epicteto imputar a ordem do cosmos à providência divina. Nessa passagem, ele não só salienta o ordenamento cósmico promovido pela noção de um agente divino, mas também destaca a necessidade de agirmos de acordo com os papéis que nos foram designados por essa divindade.

Relato semelhante pode ser observado em *Diss.* 2.14. Nessa passagem, Epicteto argumenta que a primeira tarefa do filósofo consiste em aceitar a existência de uma divindade que governa o cosmos de maneira providencial e, a partir daí, obedecê-la de

tal maneira que as suas ações no mundo possam refletir os atributos do próprio Deus. Nas palavras de Epicteto:

[11] Os filósofos dizem que a primeira coisa que precisa ser aprendida é o seguinte, que existe um Deus, e um Deus que exerce cuidado providencial pelo universo, e que é impossível esconder dele não apenas nossas ações, mas até mesmo nossos pensamentos e intenções. A próxima coisa a ser considerada é como são os deuses; [12] para o que quer que sejam descobertos, aquele que deseja agradá-los e obedecê-los deve tentar se assemelhar a eles tanto quanto possível. [13] Se a divindade é confiável, ele também deve ser confiável; se livre, ele também deve ser livre; se benéfico, ele também deve ser benéfico; se magnânimo, ele também deve ser magnânimo. E assim, de agora em diante, em tudo o que ele diz e faz, ele deve agir imitando Deus.⁶ (*Diss.* 2.14.11-13) [tradução nossa]

Se a física estoica abre os caminhos para a estruturação de uma posição teológica no estoicismo, em Epicteto esse aspecto é fortemente evidenciado. O estoicismo epictetiano não só admite a semelhança entre Deus e a natureza como também reforça constantemente a ideia de que viver de acordo com a natureza é viver de acordo com a vontade divina e que, por isso, a demonstração de uma vida virtuosa pode ser apreendida a partir do esforço constante para se tentar reproduzir os atributos próprios da divindade estoica, sendo a razão a maior de suas qualidades.

Como podemos perceber, a figura de Deus exerce um papel central no pensamento de Epicteto e é, exatamente, esse ponto que sustenta o argumento de Hijmans em relação ao caráter filosófico do estoicismo epictetiano.

Para Hijmans, a atitude de Epicteto em relação às características que fundamentam a sua filosofia aproxima-se muito mais de um enquadramento religioso do que propriamente filosófico. Diante disso, o holandês se dedica a defender a ideia de que o estoicismo epictetiano exige a aceitação de um conjunto de crenças que, ainda que permitam um certo grau de prova racional, tornam o seu modelo de pensamento um sistema que está muito mais comprometido em ditar o seu critério verdade do que em demonstrar a validade dos argumentos que estruturam a sua proposta filosófica. Por esse

⁶ [11] The philosophers say that the first thing that needs to be learned is the following, that there is a God, and a God who exercises providential care for the universe, and that it is impossible to conceal from him not only our actions, but even our thoughts and intentions. The next thing to be considered is what the gods are like; [12] for whatever they're discovered to be, one who wishes to please and obey them must try to resemble them as far as possible. [13] If the deity is trustworthy, he too must be trustworthy; if free, he too must be free; if beneficent, he too must be beneficent; if magnanimous, he too must be magnanimous. And so thenceforth, in all that he says and does, he must act in imitation of God. (*Diss.* 2.14.11-13)

motivo, Hijmans acredita que o estoicismo epictetiano não é capaz de reconhecer a possibilidade de que os seus dogmas mais fundamentais possam estar equivocados, não restando espaço para a autocrítica, e, por essa razão, o pensamento de Epicteto perderia a característica fundamental daquilo que pode ser considerado filosofia, a saber, a possibilidade de modificação de uma ideia em face de novas evidências.

Que a sua atitude possa ser considerada religiosa, isso é evidente, ainda que cada traço de imortalidade – uma ideia comumente associada à religião – esteja ausente. A posição de Epicteto é a de aderência a um sistema fechado, um conjunto de crenças, que, embora os seus argumentos admitam prova racional, adquire o valor psicológico de um sistema que determina ao invés de demonstrar a sua verdade, que perde a atitude essencial da filosofia, isto é, a capacidade de admitir que uma ideia pode estar errada, que uma nova evidência pode modificar o panorama das coisas, em resumo, a atitude da autocrítica.⁷ (Hijmans, 1959, p.21) [tradução nossa]

Nesse sentido, Hijmans (1959, p. 19-22) argumenta que, para Epicteto, um verdadeiro estoico deve adotar uma atitude de completa submissão a Deus, caso contrário ele não deve ser considerado como tal. Assim, viver de acordo com a natureza, sendo esse o objetivo de Epicteto, pode ser compreendido como o desejo de viver em conformidade com os critérios estabelecidos pela providência divina. Por isso, Hijmans afirma que mesmo aqueles que defendam a possibilidade de se discutir criticamente alguns tópicos do estoicismo epictetiano devem assumir que esse debate encontra seus limites estabelecidos por um conjunto de princípios que permanecem dogmaticamente inalterados.

Em relação à crítica de Hijmans, não podemos negar o peso da orientação religiosa presente no texto de Epicteto. Long (2007, p. 143) salienta a centralidade desse tema no estoicismo epictetiano ao nos lembrar que o único nome que o filósofo grego cita mais que Sócrates é o do próprio Zeus⁸, sendo Zeus compreendido aqui dentro da ideia estoica de natureza divina. Só para citar alguns exemplos encontrados nas

⁷ That his attitude be called religious is clear, even though each trace of immortality belief – an idea commonly associated with religion – is lacking. Epictetus' position is that one adhering to a closed system, a set of beliefs, which, though it claims to admit of rational proof, has acquired a psychological value of a system that dictates rather than demonstrates its truth, which has lost the attitude essential to a philosophy viz. of being able to admit that it might be wrong, that new evidence might alter the face of things, in short, the attitude of self-criticism.

⁸ A observação feita por Long detém uma importância particular em relação ao pensamento epictetiano porque Sócrates e Diógenes são dois dos grandes modelos utilizados pelo nosso filósofo para inspirar os seus estudantes a fim de que eles se dediquem a uma vida virtuosa. Ao referenciar Deus, ou Zeus, mais vezes que seus exemplos mais importantes, Epicteto evidencia a relevância desse tema para o seu pensamento.

Diatribes sobre esse tema, em *Diss.* 1.1.7, vemos Epicteto atestar que faculdade para lidar com as impressões nos foi dada diretamente por Deus⁹, em *Diss.* 1.3.1 ele afirma que somos filhos desse mesmo Deus, em *Diss.* 2.19.26-27 e *Diss.* 4.1.99, Epicteto pontua que aquele que aspira ser um estoico deve buscar estar em comunhão com Deus e em *Diss.* 4.10.16 ele ainda diz que devemos demonstrar gratidão à divindade estoica.

Contudo, diferente do que Hijmans supõe, a admissão da existência do elemento divino no estoicismo epictetiano não é realizada pela mera aceitação dogmática de Deus¹⁰, como se fosse um salto de fé, mas da observação direta da regularidade dos fenômenos do cosmos em conjunção com um movimento de reflexão proporcionado pela nossa capacidade racional. Assim, em *Diss.* 1.14.3, por exemplo, Epicteto usa o exemplo das plantas que florescem e dão frutos no momento correto para ilustrar o funcionamento ordenado da natureza. Já em *Diss.* 4.7.6-8 ele afirma que diferentemente dos demais animais que não possuem capacidade racional, os seres humanos são dotados dessa qualidade e, por isso, nós temos não só a competência, mas também o dever de refletir sobre a nossa posição no universo e compreender que estamos inseridos em uma ordem cósmica que incorpora a própria natureza e, portanto, a nós mesmos. Essa ordem cósmica é, para os estoicos, uma de suas provas para a existência de Deus.

Sobre a capacidade racional dos homens, devemos voltar nossa atenção para *Diss.* 1.3. Nessa passagem, Epicteto atribui à humanidade uma dupla herança. Em primeiro lugar, ele diz que compartilhamos uma origem divina ao afirmar que os homens são filhos do próprio Zeus e que, por estar nessa condição, compartilham com ele o mais importante dos seus atributos, a razão. Contudo, compartilhamos também uma herança com a carne, isto é, temos traços que nos aproximam da irracionalidade típica dos animais. Portanto, como vemos em Epicteto, não basta sermos dotados da razão, mais que isso, é necessário que nos esforcemos para que a utilização dessa faculdade seja realizada da melhor maneira possível. A ênfase da por Epicteto ao uso correto da razão é tão importante que ele nos diz que nada satisfaz mais os seres humanos do que consecução de uma ação racional enquanto, no lado oposto, nada nos causa mais inquietude e aflição do que uma ação irracional.

⁹ Na obra de Epicteto termos como Zeus, Deus e deuses são utilizados para se referenciar à mesma noção de divindade.

¹⁰

(4) Em suma: se observarmos bem, por nada encontraremos o animal racional sendo mais oprimido que pelo irracional; e, em sentido inverso, por nada sendo mais atraído que pelo racional. (*Diss.* 1.2.4)

É nesse sentido que a filosofia adquire a sua importância no estoicismo epictetiano. Ser um filósofo, na percepção de Epicteto, consiste em se empenhar a todo o momento para que possamos viver de acordo com a natureza, isto é, de acordo com o papel que foi designado a nós pela providência. É por meio desse entendimento, caracterizado pelo reto uso de nossa razão, cuja representação prática se dá pela maneira como exercemos nossas escolhas, que a filosofia nos permite compreender e nos ocupar daquilo que está ao nosso encargo, isto é, a nossa capacidade para o impulso e refreamento, para o desejo e a repulsa e aquela de fazer o uso correto das representações.

Filosofar, para Epicteto, é uma arte da vida e, por isso, constitui-se como uma forma de exercício prático cuja finalidade é a de nos proporcionar uma vida serena e feliz e, para alcançar esse objetivo, reforça Epicteto em diversos momentos das *Diatribes*, devemos alinhar a nossa vontade individual à vontade divina, afinal, a submissão a Deus indica, na verdade, a submissão de nossa potência para irracionalidade à sua contraparte racional.

[95] E assim uma pessoa virtuosa e boa, tendo em mente quem ela é, e de onde ela veio, e por quem ela foi criada, concentra-se em uma única coisa: como ela pode desempenhar seu cargo de maneira disciplinada, permanecendo obediente a Deus: [96] 'É sua vontade que eu continue a viver? Vou viver como uma pessoa livre, alguém de espírito nobre, como era o seu desejo, pois você me criou para ser livre de impedimentos em tudo o que é meu. [97] Mas agora já não precisas de mim? Assim como você vai. Até agora, foi por sua causa que permaneci aqui, não por mais ninguém, e agora obedeço e parto.'¹¹ (*Diss.* 3.24-95-97) [tradução nossa]

Diante disso, podemos observar que há uma relação intrínseca é inseparável entre a filosofia e a teologia no estoicismo epictetiano. A figura de Deus, para Epicteto, representa a ideia de um *Logos* divino, uma razão universal, e a sua existência e

¹¹ [95] And so a virtuous and good person, keeping in mind who he is, and where he has come from, and by whom he was created, concentrates on one thing alone: how he may fill his post in a disciplined manner, remaining obedient to God: [96] 'Is it your will that I should continue to live? I'll live as a free person, someone of noble spirit, as was your desire, for you created me to be free from hindrance in all that is my own. [97] But now you no longer have need of me? Just as you will. Up until now, it was because of you that I've remained here, not for anyone else, and now I obey you and depart.'

atributos podem ser conhecidos pelos seres humanos a partir do esforço de sua capacidade racional. Nesse sentido, a atividade filosófica abarca tanto os aspectos filosóficos quanto teológicos do pensamento de Epicteto, já que, para ele, filosofar significa compreender racionalmente como a natureza divina opera para que possamos agir de acordo com os seus desígnios.

Diferente da leitura apresentada por Hijmans, quando ele aborda a inclinação religiosa no pensamento de Epicteto como um aspecto prejudicial à construção de sua filosofia, entendemos que o filósofo grego não defende esse posicionamento como uma prova de fé incontestável, mas, ao contrário, a possibilidade da existência de Deus, e tudo o que decorre dela, é construída por intermédio da razão como resultado do amadurecimento de uma reflexão filosófica.

Portanto, vemos que no pensamento de Epicteto a teologia e a filosofia são interdependentes e complementares, pois, enquanto a sua posição teológica lança as bases para a construção de sua filosofia, o progresso na atividade filosófica justifica a necessidade de sua perspectiva teológica. Nesse sentido, não acreditamos que o estoicismo epictetiano seja conduzido pela concordância a dogmas imutáveis, como Hijmans quer nos fazer crer, mas é o resultado de um genuíno esforço filosófico. Além disso, Epicteto, como podemos perceber ao longo de sua obra, não desenvolve o seu pensamento a partir da afirmação de princípios incontestáveis, ao contrário, ele nem mesmo diz ser filósofo e, tornado evidente a influência socrática em seu trabalho, professa a sua própria ignorância ao convidar os seus estudantes a refletirem e testarem por si mesmos todos os pressupostos apresentados em sua proposta de filosofia estoica.

5 – Considerações finais

Nesse artigo tentamos apresentar duas objeções à interpretação do pensamento de Epicteto presentes na obra de BL Hijmans. O filósofo holandês sugere que o estoicismo epictetiano pode não se caracterizar dentro da designação daquilo que chamamos de filosofia por dois motivos: ele não apresenta a perplexidade típica do início de uma questão filosófica e o pensamento de Epicteto é permeado de um teor teológico que, aparentemente, apresenta um dogmatismo inquestionável.

Respondemos a nossa primeira objeção a partir do próprio desenvolvimento do argumento de Hijmans. O holandês reconhece que a perplexidade diante de um

problema pode ser um elemento precursor de uma reflexão filosófica, mas ela não garante por si só que um pensamento seja designado como filosofia. Assim, Hijmans propõe o exercício da razão na construção da resposta a um problema como um critério mais adequado para se classificar a atividade filosófica. A partir daí, procuramos apresentar argumentos no texto de Epicteto que evidenciaram a importância da capacidade racional como fundamento para a reflexão filosófica.

Em relação à nossa segunda objeção, um pouco mais complexa, foi necessária uma pequena digressão para discutirmos, ainda que muito brevemente, alguns aspectos da física estoica. Nessa ocasião, achamos importante destacar dois aspectos dessa física, a sua estrutura corporealista e os dois princípios que dão origem ao cosmos. Essas noções, como vimos, são cruciais para a elaboração estoica de uma natureza divina, sendo essa divindade totalmente imanente.

Em seguida, tratando especificamente da segunda objeção, apresentamos a leitura hadotiana que tem como proposta a ideia de filosofia como modo de vida essa visão se relacionada com o pensamento epictetiano. Nesse sentido, argumentamos que Epicteto encara a filosofia como uma arte da vida e, por isso, a sua proposta consiste na integração da teoria com a prática filosófica. Essa percepção do estoicismo epictetiano se faz necessária porque viver filosoficamente, para Epicteto, diz respeito à busca por uma vida de acordo com a natureza que, por ter uma essência divina, é por derivação o mesmo que viver de acordo com os desígnios de Deus.

Dessa forma, concluímos a segunda objeção enfatizando que, na obra de Epicteto, a teologia e a filosofia não são campos excludentes entre si, pelo contrário, elas constituem dois âmbitos complementares e indissociáveis no pensamento do filósofo grego. Por esse motivo, discordamos de Hijmans quando ele coloca em dúvida o caráter filosófico do estoicismo de Epicteto, uma vez que a perspectiva religiosa apresentada no pensamento epictetiano não é justificada pela fé, mas por uma genuína reflexão filosófica que, nesse sentido, não se constitui como uma crença inquestionável, mas como uma consequência natural do movimento da razão que busca conhecer o cosmos.

6 – Referências Bibliográficas

ALGRA, Keimpe. **Stoic Theology**. In: INWOOD, Brad (ed) *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge University Press, 2006.

- BRUN, Jean. **O Estoicismo**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- COLISH, Marcia L. **The Stoic Tradition from Antiquity to the Early Middle Ages**. Leiden: E.J. Brill, 1985.
- DIÓGENES LAÉRTIOS. **Vidas e Doutrinas dos Ilustres Filósofos**. Tradução de Mário Gama Kury, 2ª edição. Brasília: Editora UnB, 1987.
- EDELSTEIN, Ludwig. **The Meaning of Stoicism**. London: Oxford University Press, 1966.
- EPICTETO. **O Encheiridion de Epicteto. Edição Bilingue**. Tradução do texto grego e notas por Aldo Dinucci e Alfredo Julien. 1ª edição. São Cristovão. Universidade Federal de Sergipe, 2012.
- EPICTETO. **As Diatribes de Epicteto, Livro I**. Tradução: Aldo Dinucci. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020.
- EPICTETO. **Discourses, Fragments, Handbook**. Tradução: Robin Hard. New York, Oxford University Press, 2014.
- EPICTETO. **The Discourses of Epictetus with the Encheiridion and Fragments**. Tradução: George Long. London: George Bell & Sons, 1890.
- GAZOLLA, Rachel. **Uma Abordagem sobre Ser e Aparecer no Estoicismo Antigo**. In: Cognitio: Revista de Filosofia, nº 02, p. 09-17, PUCSP: São Paulo, 2013
- HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga**. 2ª impressão. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga**. 6ª edição: São Paulo. Edições Loyola, 2014.
- HIJMANS, B. L. **Askesis: notes on Epictetus educational system**. Assen: Van Gorcum, 1959.
- LAPIDGE, Michael. **The Stoic Cosmology**. In: RIST, John M. (ed) *The Stoics*. Berkley: University of California Press, 1968.
- LONG, A.A. Epictetus. **A Stoic and Socratic Guide to Life**. New York: Oxford University Press, 2007.
- PLATÃO. **O Sofista**. Tradução: Henrique Murachco e Juvino Maia Jr., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- PLATÃO. **Teeteto** (4ª ed.). Tradução: Ana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- SELLARS, John. **Stoicism**. Berkeley: University of California Press, 2006.
- STEPHENS, William O. **Stoic Ethics: Epictetus and Happiness as Freedom**. London: Continuum International Publishing Group, 2007.

SEDLEY, David. **Hellenistic Physics and Metaphysics**. In: Algra K, Barnes J, Mansfield J, Schofield M. The Cambridge History of Hellenic Philosophy. Cambridge University Press, 2002.